



Edição especial efeméride

| 28 Maio 1922 |

Aos irmãos Craveirinhas:  
Coacher Stélio Newton e  
Zeca [filhos do poeta-mor]

## A baNTONIZAÇÃO POÉTICA em JOSÉ CRAVEIRINHA | «Em vez de uma Poesia mais ou menos Africana» |

excerto do livro no prelo *UM POETA NUNCA MORRE*.

A essência da poesia do moçambicano José Craveirinha (1922-2003) manifesta uma sensualidade de palavras *baNtonizadas* copulando com a língua portuguesa – isto é, uma manifestação de africanismo masculino apropriando-se de padrões da linguística feminina europeia produzindo uma mestiçagem poética. A pujança criativa do *baNto* suburbano da capital de Moçambique, plasmada através da ortografia portuguesa.

É por isso que num contexto de superioridade eurocentrista muitos portugueses detestavam a obra de José Craveirinha. O mais grave no entanto, não foi a rejeição colonial dessa obra, em sua época, mas sim na actualidade, a de certos sectores aportuguesados da dita intelectualidade moçambicana. Assumem-se mais portugueses do que os portugueses. Rejeitam a lavra de José Craveirinha e tentam remetê-la ao esquecimento no exterior de Moçambique. Os primeiros, saudosistas coloniais, nunca perdoaram ao poeta universal da Mafalala por aquilo a que chamariam de abastardamento de uma língua europeia – neste caso, a língua portuguesa, pelo acasalamento com um idioma *baNto* – o ronga suburbano. (Aliás, criticam os brasileiros. Outra vez rejeitando a componente afro na expressão idiomática, sem esquecer a guarani, na língua portuguesa do Brasil (PB).

No caso da obra de José Craveirinha, a língua portuguesa entrelaça-se com o idioma ronga (na expressão) para além do uso da plataforma do *m'satanhoco papel* em *ganguissamento* clandestino como no passado colonial.

De facto, o poeta José extravasava o seu inconformismo retratando uma realidade colonial que condenava e impedia a possibilidade social em África, também, de ligações afectivas sérias entre um homem africano *baNto* com uma mulher europeia caucasiana de *status* aproximado.

Em 1958, o poeta José Craveirinha ‘vingar-se-ia’ do preconceito português nos seus poemas eróticos onde a mulher d’ «o seio branco era o Mundo» que ele também abraçava com luxúria. Muito antes, os primeiros poetas moçambicanos e mestiços, João Albasine e Rui de Noronha, tinham abordado esse tema. Ainda hoje são incompreendidos.

Todavia, noutra perspectiva cultural, a(s) língua(s) portuguesa(s) em 2013 vão se casando e descasando de papel passado, livres desse preconceito, ainda que a actual implementação do acordo ortográfico de 1990, da supressão

ortográfica das consoantes mudas, venha induzindo a confusões interpretativas e inflamadas.

Porém, para muitos olhos ainda colonizados (de ambos os lados), o *baNto* de Moçambique será sempre um serviçal do europeu (ou do asiático, do bóer ou do euro-brasileiro) – sobretudo nos negócios e na literatura. O nigeriano Nnamdi Azikiwe (1904-1996) e o franco-martinicano Frantz Fanon (1925-1961) estudaram bem esse fenómeno entre 1937 a 1960, que se repete ciclicamente em África no pós-colonialismo. Chama-se complexo colonial.

Por outro lado, o poeta José Craveirinha antes do 25 Abril 1974, num brado africano moderno já proclamava – «não sou luso-ultramarino: SOU MOÇAMBICANO» – com todas as conotações desse assumir de identidade pró-*baNto* traduzido em língua portuguesa, norma europeia (PE), moçambicanizada (PM).

Portanto, o contexto que possa ter a atribuição a José Craveirinha do Prémio Camões em Coimbra (1991) não o torna mais português do que moçambicano, como certos meios intelectuais lusos ‘bem-intencionados’ pretendem, e pior ainda os luso-descendentes de Moçambique, dentro e fora do país com ‘saudades do império colonial perdido’ (citando Patrick Chabal).

De certa forma, alguns académicos brasileiros enfermam deste pressuposto ao desvalorizarem essa garra identitária africana de um José Craveirinha, por o considerarem “ele próprio um assimilado” no sentido de somente produto português. Essa observação parcial errada – surge pelo desconhecimento de que os brasileiros, grosso modo, sempre tiveram da realidade colonial portuguesa em África. Quiçá, imbuídos de um pretenso romantismo luso-tropical deixado no tempo pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), membro da Academia Portuguesa de História (1938) por nomeação do seu amigo e estadista Antº de Oliveira Salazar (1889-1970). No Brasil, o preconceito obedece a contornos de complexos de ‘branqueamento’ de sangue e da cor-da-pele: heranças de Gobineau.

No entanto, pouca gente deve saber de que em Moçambique, a dita assimilação portuguesa não abrangia os mestiços mesmo analfabetos. Pois, de estatuto separado dos chamados indígenas *baNto* analfabetos – portadores de passe obrigatório de circulação, sem o qual os aguardava o xibalo: trabalho forçado.

Na década de 1930-40 os mestiços adultos e suburbanos (homens) usavam uma chapinha metálica numerada no pulso para circularem de noite. Dispensavam do passe. A minoria dos *baNto* educados pelas missões católicas obtinham automaticamente o estatuto de ‘cidadania’ portuguesa transmitido aos filhos. Na prática não se lhes aplicava o estatuto de indígena. Era o apartheid à portuguesa. No entanto esse processo teria tido início efectivo com o advento da República em Portugal, depois de 5 de Outubro de 1910. Antes havia alguma ‘tolerância’ de convívio inter-étnico. Com o Estado Novo de Carmona e de Salazar a situação pioraria (após 1928).

José Craveirinha e João Craveirinha, seu irmão mais velho, nasceram nas décadas seguintes da implantação da República. O João J. em 22 de Novembro de 1920 e o José J. a 28 de Maio de 1922. O primeiro partiu de Portugal em 4 de Julho de 1997 e o segundo da África do Sul em 6 de Fevereiro de 2003. A partida de ambos tem um detalhe: saíram sem um a-Deus para o repouso eterno fora da terra de onde nasceram e defenderam. Até parece que eram gémeos, lúcidos, lado a lado (direito e esquerdo). O José *cascabulho* seguindo o irmão João *certinho* até para o além, em busca de protecção ao comparecerem diante do pai (deles) algarvio e poeta, José João Fernandes – chefe de polícia aposentado com reforma de miséria, pão sem vinho sobre a mesa, com certeza, numa colónia portuguesa, sem senhor.

A partir de 1964 com o eclodir da luta armada de libertação nacional em Cabo Delgado, a institucionalização desse estatuto de assimilação colonial, seria abandonado. «Todos seriam portugueses». A necessidade colonial aguçava o engenho de alienar mentalidades *baNto* e afins.

Regressando à escrita de José Craveirinha, esta seria herdeira burilada do que os irmãos João e José Albasine, Estácio Dias do *Grémio Africano* (1905-1938), poeta Rui de Noronha e mesmo mais tarde João [Bernardo] Dias (1926-1949) que entre outros, deixariam esboçado: busca de uma identidade africana *baNto* moçambicana, em construção, vertida em língua portuguesa ainda que condicionada pelo sistema colonial.

José J. Craveirinha (1922-2003) na sua infância e adolescência seria sempre apoiado pelo seu irmão mais velho, João J. Craveirinha (1920-1997) aluno excepcional de nota máxima de 19 / 20 valores do Liceu 5 de Outubro na Av. 24 de Julho da capital, LM. Esse apoio continuaria na sua aprendizagem da língua portuguesa entre 1928 a 1942. Mais tarde o irmão (João) seria seu chefe de redacção no jornal *O Brado Africano* (década de 1950).

Nesse âmbito surgirá em meados do século XX uma portentosa poesia e demais escrita de José Craveirinha. A sua poética proclama a independência de Moçambique “num país ainda por nascer” décadas antes do 25 Abril 1974 e da fundação de partidos políticos em Moçambique.

Pois, a poesia de José Craveirinha foi o ‘primeiro movimento de libertação moçambicano’ fundado dentro de Moçambique na suburbana Mafalala e de dimensão geográfica dos rios *Móputso ao Rovuma* produto de uma engenharia telúrica de *Hino à Terra, baNto*.

É por isso que assustados, os ideólogos dos novos ‘donos da terra’ – Moçambique, culturalmente mais portugueses do que os portugueses (se possível), baniram a Associação Africana e o seu jornal bilingue euro-africano *O Brado Africano* (1918-1974), e o Centro Associativo dos Negros de Moçambique – Ntsindya. Estava em causa a memória colectiva fora do controlo do novo poder político implementado a partir de finais de 1974. Contraditoriamente, algumas associações e clubes que nada contribuíram para forjar uma identidade (geral) moçambicana foram poupados.

Por outro lado, desconhecedores da cultura africana (*baNto*) e desenraizados de Moçambique, muitos desses “ideólogos” da futura revolução moçambicana, quando estudantes privilegiados na Europa passaram pela Casa dos Estudantes do Império em Lisboa (Arco do Cego), embrião da actual lusofonia. Um investimento no tempo. |KM|

**NOTAS:** Expressões retiradas de versos do Poeta José Craveirinha: «Em vez de uma Poesia mais ou menos Africana» | «ganguissam neste satanhoco papel» / «não sou luso-ultramarino: SOU MOÇAMBICANO».

**Leitura aconselhada:** Calane da Silva (2002). *O Estiloso Craveirinha (A Pedagogia do Léxico)*. Maputo: Imprensa Universitária. UEM. |

**José Craveirinha em inglês** na Antologia de Stephen Gray: *The Penguin Book of Southern African Verse* (1989).

**Michael Wolfers** traduziu para inglês alguns dos poemas de José Craveirinha. Citação de M. Wolfers (2011): «I had the privilege and pleasure of knowing José Craveirinha in Maputo. He kindly allowed me to translate some of his poems into English. »

Kraveirinya Mpfumo vem aprimorando uma biografia do poeta José Craveirinha para edição em livro intitulado: *Um Poeta Nunca Morre [Crónicas familiares ilustradas]*.

**«Homem incapaz de gostar de muitas | como pode ser capaz de amar só uma?»**

in José Craveirinha, Poemas Eróticos, pág. 79.

Vista da Cidade da Beira



Capital do Centro e das Pescas de Moçambique

Leia e Divulgue  
“O Autarca”



Propriedade: AGENOL - Agência de Comunicação e Imagem Limitada  
Sede: Rua do Aeroporto - Dóvio 2141 - Casa 711 - Beira  
E-mail: [autarca@trindata.mz](mailto:autarca@trindata.mz); [autarcabeira@yahoo.com.br](mailto:autarcabeira@yahoo.com.br)  
Editor: Fátima Chabane - Cel: 82 994519; 84 2647589 - E-mail: [fatimachabane@hotmail.com](mailto:fatimachabane@hotmail.com)

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: [osutarcabeira@yahoo.com.br](mailto:osutarcabeira@yahoo.com.br) ou em mão SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail ( ), ou entrega por estafeta no endereço desejado ( )

Entidade \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_ Fax \_\_\_\_\_ E-mail \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_

Ordinária ( ) Institucional ( ) \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2012

Assinaturas mensais MZM - Ordinária: 7.200,00 \* Institucional: 14.700,00 \* Instituições Estrangeiras: 18.000,00